RODOLPHO VALLE

A MORAL E O MILITAR

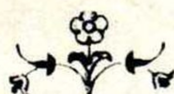


MANAUS — 1950

RODOLPHO VALLE

Ao prezadíssimo e admiravelmente culto Mario Ypiranga Monteiro, oferece o seu amigo Rodolpho

A MORAL E O MILITAR





MANAUS — 1950

À memória do valoroso soldado amazonense MANOEL CHAGAS, tombado nos campos da Itália, durante a última guerra, em defesa da Paz e do Brasil.

A 9 de março de 1950, por deferência especial do Oficial do Exèrcito Brasileiro, á época no Comando da gloriosa Policia Militar do Amazonas, Coronel Márcio Menezes, realizámos no salão nobre daquela Corporação, uma palestra sob o tema a seguir, cuja publicação, agora vinda á lume, decorre de uma gentileza do dìgno Vereador Walter Rayol, atualmente ocupando o cargo de Prefeito Municipal de Manaus.

O AUTOR

O homem moderno, apesar de vivendo em sociedades civilizadas, onde estudos os mais diversos revolucionam os variados ramos do Saber, ainda continúa ávido de ambições e lutas, de malquerenças e ódios, de dominio territorial e contendas doutrinárias tudo porque ele, na sua sempre crescente e incontida vontade de vencer, não poupa nem seleciona os meios para alcançar os objetivos almejados.

Quando a inteligencia humana, no seu contínuo aperfeiçoamento, se dirige para o caminho do Bem, o mundo inteiro sente-se envaidecido e orgulhoso, sente-se tranquilo e satisfeito. Contudo, se a inteligencia humana se desvia para outro rumo e traça um roteiro de maleficios e litígios contornado com a violencia das armas — eis então o aparecimento de todas as mazelas, de todas as doenças, da perversão, da indisciplina, do crime.

E' fato que o homem, na consecussão de um invento, faze-o para servir a si mesmo, podendo, no entanto, em virtude de contin-

gências sociais, transformá-lo num desserviço à coletividade.

Poderíamos, sob êsses dois aspéctos, apreciar os efeitos da bomba atômica e dos estudos valiosos que cientistas renomados já fizeram no campo da física e da quimica. Porém, rendendo homenágem aos nossos patrícios do passado, a quem devemos o que somos e o que poderemos ser, preferimos lembrar o palpitante acontecimento que tem assombrado o mundo em todos os seus continentes: a aparição do avião. Obra, como foi, do bravo e corajoso ALBERTO DOS SANTOS DUMONT, nada obstante as injustificáveis pretenções de francezes e norte-americanos, o avião diminuiu o espaço, encurtou o tempo, passou a transportar, de um para outro país, mercadorias e utilidades de todas as espécies, difundiu culturas, entrosou costumes, unificou hábitos, perfilhou idéias, tornou mais fácil e rápida a circulação de riquezas, enalteceu, enfim, o ser humano. Quanto nos sentiriamos comovidos conosco mesmo, se pudéssemos aí parar, a f i m de melhor observar essas belezas todas! Como seria maior a nossa confiança no trabalho e gênio humanos, se o nosso semelhante fosse desprovido de sua veia destruidora! E o avião de paz e de sacrifício, de glória e de ar-

rojo, símbolo de cultura e de tenacidade, que SANTOS DUMONT fêz, na França eterna, sobrevoar a famosa torre "Eiffel", transformou se, miserável e infelizmente, num aparelho assasino de creaturas de ambos os sexos e de todas as idades. Foi mais além, na sua furia destruidora, pois arrazou cidades construídas à custa do suor derramado por diversas gerações, levou consigo, sob fogo e gritos, sob pavor e tormenta, os mais belos monumentos da humanidade e incendiou, com as bombas que lançava, campos cultivados com carinho e zelo e cidades pacifícas que jamais possuiram um canhão anti-aéreo para a sua defeza.

Vós, militares do Brasil, em particular, do Amazonas, sabeis, pelo manejar diário do armamento que possuís e pelos ensinamentos valiosos que recebeis, o quanto vai de cruel e de deshumano no emprego de vossos fuzís e de vossas metralhadoras, quando estas e aquêles são dirigidos em agressões insólitas. Sim, dissemos insólitas, porque jamais os empregareis a não ser na defesa da nossa Pátria !

Por que então o engenho humano, apesar de tão aperfeiçoado, ainda descái para a maldade e para a extinção de tudo que é bom e de tudo que é belo ?

Porque êsse mesmo engenho humano ainda não melhorou a sua moral, essa moral

que é a ciência a ditar normas de governo ao destino do homem, proporcionando-lhe bem-estar e felicidades, apontando-lhe os mais retos caminhos a seguir para melhor justificar a sua existência na face da terra.

Não vos falamos aqui dessa moral que varia no tempo e no espaço, mas de uma outra moral, cujo fim — que é a prática do Bem e o fiel cumprimento do Dever — não muda em lugar nenhum, não se modifica em nenhuma época.

Em tempos idos, a vingança pessoal era admitida e até louvada, especialmente quando a reação partia de quem, por laços de consanguinidade, tinha interêsse em praticar a vindita. Hoje, porém, ao consumar-se um crime, fica o delinquente subordinado às sanções penais que a sociedade traçou para corrigir aquêles que ferirem o meio ambiente onde vivem e labutam.

Nas plagas longínquas do Oriente ainda se admite a união do homem com várias mulheres — fato que para os povos do Ocidente foge aos preceitos da moral.

Mas essa moral variável não nos deve interessar tanto como a moral imutável.

A moral que abordamos é a que compreende os deveres humanos, com os quais todos nós, se os praticarmos com exatidão e regula-

ridade, estaremos nos tornando felizes.

Se os deveres humanos são exigidos para nós outros sob o mais rigoroso cumprimento, para vós, militares do Amazonas, êles devem e precisam ser observados com mais rigidez, com maior força espiritual, com melhor pontualidade e sobretudo com a mais franca e sincera disciplina.

Deveis, dessarte, entre outros fatores que fortaleçam a vossa moral, possuir um caráter bem formado, pois dêle advirá a confiança dos vossos companheiros e a tranquilidade dos que apreciam a vossa disciplina; deveis imprimir respeito pelos vossos gestos cavalheirescos e pelas vossas atitudes magnânimas, a fim de merecerdes, também, o nosso respeito e a nossa recompensa; deveis obedecer as leis que regem a vossa atitude, porquanto, sendo a moral mais ampla do que o direito, tendes de vos curvar, em consequência dos principios salutares da vossa moral, diante dos preceitos jurídicos; deveis assistência mútua aos vossos semelhantes, posto que a nossa sociedade está a exigir coesão e harmonia de forças — não da força material que se exterioriza através de explosões violentas, mas da força do pensamento, que irradia civilidade, que se manifesta no espírito de solidariedade e se concretiza na prática dos bons costumes.

Os bons exemplos são sempre motivos suficientes para que a formação moral dos militares do Amazonas cada vez mais se acentúi e se desenvolva. Não precisamos, é claro, de recorrer a imágens estranhas, posto que o Brasil, graças aos Céus, é fértil na apresentação maravilhosa de caractéres forjados á base da côr amarela de nossa ouro tão bem repretado no pavilhão nacional.

Contudo, para melhor nos esclarermos, procuremos estudar a vida dos militares romanos, que se assenhorearam do mundo pelo patriotismo de seus concidadãos e pela admirável organização de seus exércitos; dos militares gregos, que nos dão prova de resistência e bravura diante de forças melhormente prepadas para a arte bélica; dos militares cartaginezes e persas, que nos testemunham heroismo e audácia; dos militares europeus e americanos dêsses dois últimos séculos, que alcançaram a glória pela sua conduta nos combates e no preparo de suas milícias.

Mais alegres, porém, haveremos de ficar, se recordarmos a nossa própria gente — tão varonil, tão louvada, tão tradicional, tão querida, tão brava!

Não falaremos dos vivos para não ferirmos cuscetibilidades. Não falaremos dos vivos para não nos tomarmos de paixão. Não

falaremos dos vivos para não entrechocarmos opiniões. Mas entre os vivos, felizmente, ainda temos belos exemplos de homens que se salientam por suas normas de moral.

Também não pretendíamos individualizar os mortos, para não cometermos a injustiça do esquecimento de nomes que bem merecem uma citação especial

Aquelês que não forem mencionados que perdoem a omissão involuntária.

Diríamos, para não recuarmos bastante, que os nossos valorosos militares da gloriosa campanha do Paraguái, os da proclamação da República e os da consolidação dêsse regime, bem atestam, através de fatos irrefutáveis, a sua qualidade de bravos que nortearam a sua vida por uma linha de conduta merecedora da nossa estima e da nossa inveja.

Mas logo se nos deparam as figuras de CAXIAS, de SAMPAIO. de OSORIO, de MALLET, de VILAGRAN CABRITA, respectivamente, patronos do Exército, da Infantaria, da Cavalaria, da Artilharia e da Engenharia — figuras essas que não veem louvadas em poemas fantasistas, mas de realidade da história militar brasileira como defensores do nosso torrão e estrelas de primeira grandeza na constelação da arma que pertenceram, com tanta honra e com tanta galhardia.

Veremos ainda um destemido ANTONIO JOÃO a escrever com tinta de sangue aquela frase tão famosa e tão conhecida que bem revela o seu acendrado amor à Pátria invadida mas imorredoura.

E ainda veremos um JOÃO MANOEL MENA BARRETO, a fazer do cumprimento do dever um dogma religioso, para tombar na luta, longe de sua familia, mas ao lado de seus soldados.

Também, e por que não dizermos, militares da enfibratura moral de DEODORO, FLORIANO e BENJAMIM CONSTANT ? !

Mais nítida, porém, está na nossa consciência, a epopéia dos brasileiros que tomaram parte na última conflagração mundial, epopéia que bem revela a corágem dos nossos patrícios das cidades e dos campos, das fábricas e das escolas, do comércio e da indústria, das usinas e dos balcões, da burocracia e de todas as outras atividades humanas.

Nessa última guerra foi empolgante o papel desempenhado por nossos militares — em terra, no mar e no espaço aéreo. Os militares todos os da farda verde-oliva, os da farda azul-marinho e os da farda amarela — sobrepujaram-se a si mesmos e às suas próprias forças e tornaram-se admirados no mundo civilisado. Muitos ficaram, nos embates trava-

dos, porque, como outros de nações diversas, receberam a violência mortal das balas inimigas. A maioria dos mortos repoisa no cemitério militar brasileiro de Pistoia, a esperar que os seus restos mortais satisfeitas as exigências das leis itilianas, possam dormir eternamente no sólo pátrio.

Que diríamos hoje de todos êsses homens e de outros tantos que merecem a nossa admiração perene se a sua formação moral não estivesse forjada em princípios capazes de os lançar contra os impecilhos, contra os indiferentes, contra os descrentes, contra os inimigos e contra as adversidades ?

Que diríamos, sim, de todos êles, se a sua formação moral não os fizessem uma barreira intransponível aos horrores do perigo e da morte ?

Nada, por certo. Mas foi pela força da sua moral que êles venceram as suas jornadas individuais e transformaram o panorama social da época em que viveram.

A moral, porém, não deve ser olhada apenas no seu lado teórico, isto é, pelo que tem ela de belo, de necessário, de justo, mas também por um outro prisma, igualmnte importante e imprescindível — o da prática. Não devemos tão sòmente acreditar na obediência — precisamos obedecer; não devemos tão sò-

mente acreditar no respeito humano — precisamos respeitar; não devemos tão sòmente acreditar no Bem - precisamos realizar o Bem; não devemos apenas acreditar na diciplina — precisamos ser disciplinados; não devemos tão sòmente acreditar na lealdade — precisamos ser leais; não devemos tão sòmente acreditar nas vantágens do fiel cumprimento dos nossos deveres — precisamos ser ciosos dêsses mesmo deveres, zelando-os, executando-os, defedendo-os. Com isso confiaremos na nossa sociedade; confiaremos, e quanto isso é transcendental, confiaremos em nós mesmos, porque assim, estaremos áptos a escolher o nosso próprio destino e a trabalhar em beneficio de nossa felecidade, num ambiente de compreensão recíproca.

Ainda vive o mundo num tormentoso clima de incompreensão porque nem todos os homens se aperceberam da força prestigiosa da moral.

Por esta razão as lutas continuarão; os inventos dos homens serão empregados contra os proprios homens e a natureza; a vingança estará sempre latente no nosso espírito; os baixos sentimentos de ódio, de inveja, de perseguição, de criminalidade, perdurarão até que o homem melhor observe a razão de sua existência.

A moral dos militares não difére da de nós outros, porquanto não se funda na cobiça, na mentira, na traição, no despotismo e em tudo o mais que possa tornar despresivel a criatura. Ela se estriba na honestidade, na justiça, nas virtudes civicas, no bom comportamento, na afeição, na luta pelo bem estar individual e pela paz coletiva.

Teem os militares, pelo exercício de sua função, pela estabilidade do regime, pelo aprimoramento dos costumes, pela segurança do País, teem os militares, repetimos, de manter a observância dos preceitos da moral sempre sob os mais vivos e entusiásticos aplausos da sociedade a que servem. Dissemos pelo exercício de sua função, porque devem êles se impôr diante dos indiferentes e dos indiciplinados; pela estabilidade do regime, para não permitirem a decadência ou a extinção do regime, que os nossos antepassados conquistaram com sangue e morte; pelo aprimoramento dos costumes, posto que os costumes indicam, também, o gráu de desenvolvimento de um povo; pela segurança do País, porquanto a êles está aféta, mais diretamente e mais urgentemente, a defeza do nosso território, que até há pouco tempo esteve na cogitação de invasores imperialistas e não nos admiremos se essa cogitação ainda continuar, embora ocultamente.

Ainda mais: pela salvaguarda de nossa instituições, porque sem estas assistiremos ao desmoronamento completo de toda a nossa vida sócio-política; pela sobrevivência de nossos princípios cristãos, posto que, sem êsses princÍpios, veremos o esfacelamento da família brasileira.

A nossa legislação estabelece uma situação jurídica á sociedade conjugal capaz de evitar os dissabores que constantemente se verificam em países onde os homens tendem mais a se aperceber de suas vantagens econômico—financeiras.

A família brasileira, graças à nossa organização estatal, ainda é dessas que se elevam é se agigantam por suas normas de moral.

Veem, assim, os militares do Amazonas, que a grandeza de um povo não se mede tão simplesmente pela sua extensão territorial, pelas batalhas que vence, pelas vitórias que conquista êsse mesmo povo. Mede-se também, pelo índice de sua cultura, pela formação espiritual de sues componentes, pela organização do nucleo familiar — acontecimentos que se não verificam quando a moral de um povo desce a um índice de descrédito tão baixo que só uma revolução pensamental poderá recuperá-la, isto é rehaver a moral decaída.

Dessa revolução nós não precisamos e

possivelmente não precisaremos, porque a vossa moral é aquela que procura o Bem e o verdadeiro cumprimento do Dever. Os povos que não a exercitam com esta sublime finalidade tendem a sucumbir. Os exemplos do que dizemos são frizantes e muito conhecidos por narrações historicas e acontecimentos idoneos em todas as fases da humanidade e em todos os tempos, em todos os governos e em todos os regimes.

Reinos que deseparecem; exércitos que sofrem derrotas; grupos sociais que se extinguem; batalhas que se perdem — tudo isso acontece quando os reinos, os exércitos, os grupos sociais e os militares não estão com a sua formação moral dirigida para o Bem e para o verdadeiro sentimento do Dever.

Nós, contudo, estamos seguros da nossa sobrevivência, isto é, da sobrevivência da nossa Pátria, da sobrevivência da família brasileira, da sobrevivência de nossas instituições sócio-políticas, uma vez que os militares do Brasil, mórmente os militares do Amazonas, teem a sua moral alicerçada no duplo e sacrosanto caminho do Bem e do Dever.

Resta-vos, portanto, continuar a palmilhar êsse caminho, que não é apenas vosso porque é também dos vossos antepassados;

porque também é o da posteridade; porque também é o nosso caminho.

A vossa obediência, a vossa honestidade, a vossa lealdade, o vosso comportamento, a vossa conduta, o vosso trabalho construtivo, o vosso equilibrio e o vosso espírito de justiça, obrigam-nos a confiar na moral dos soldados do Brasil e do Amazonas.

E por acreditarmos na vossa força moral é que todos nos tornamos confiantes em nós mesmos. Dissemos em nós mesmos porque não há, em absoluto, um mundo militar separado de um mundo civil. Existe um mundo unificado pelo trabalho e pelo progresso, pelas mesmas regras de moral e pelos mesmos princípios de direito, pela compreensão da linguágem e pela afinidade de nossos propósitos, pela identidade de vontades e pelo conjunto de esforços, onde todos lutamos por um ideal comum, qual seja o da grandeza da Nação Brasileira.

A Nação criou constitucionalmente as suas forças armadas no sentido de que estas estejam adextradas e áptas, a qualquer momento, a emprestar a sua solidariedade ás forças civis, quando os fatos assim reclamem sem haver nisso qualquer complexo, ou seja, uma situação de fato que só aos mórbidos é admissível, pois êles, em consequência de preconcei-

tos raciais, de fortuna, de ascendência ou descendência, de profissão ou de fé, julgam-se num gráu de superioridade ou de inferioridade na presença de seus semelhantes..

Aliás, êsse estado é prejudicial ao homem, quer o consideremos isoladamente, quer o encaremos no meio social.

É êsse complexo, também, c a u s a de conflitos internacionais, quando recalques de governantes inescrupulosos e avessos ao bom cumprimento da palavra empenhada por seus antecessores em tratados e convênios, passam a reclamar o que, de direito, já não lhes pertence mais; e, então, dominados por um extranho desejo — seja ambição ou glória, seja fama ou outro qualquer anseio — atiram-se à luta armada, divinizando a brutalidade da força e menosprezando as boas normas de direito, desapiedando-se dos seus inimigos e desobedecendo ao bom senso que a guerra exige e pede. Agem assim porque, para êles, a moral não mais existe e o resultado de suas aventuras é sempre de funestas consequências.

Como poderiamos compreender, num mesmo sólo, com os mesmos princípios, os mesmos costumes, as mesmas tradições, as mesmas aspirações, a existência de duas forças antagônicas, de duas forças a se entrechocarem continuamente ?

Não seria possível.

Elas existem, as forças militares e as forças civis, porque se encontram em função umas das outras na promoção da harmônia e do equilibrio sociais.

Elas existem porque teem a sua moral levantada á base de exemplos edificantes.

Elas existem porque ambas teem o mesmo objetivo — o Bem do Brasil.

Assim foi quando alcançaremos a nossa emancipação política; quando lutámos para manter a nossa independência; quando proclamamos o regime republicano; quando mudámos o panorama da vida social brasileira.

Assim sempre será!

Rodolfo Guimarães Valle



Escola Técnica
de Manaus

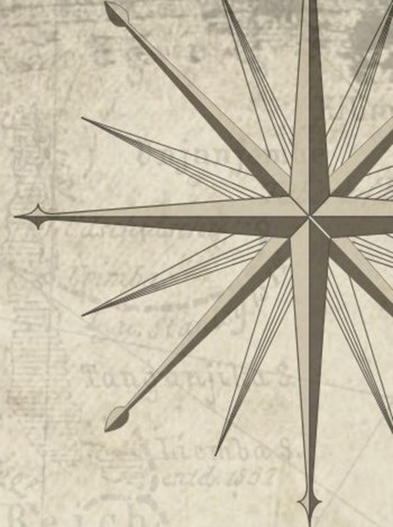


Secção de
Artes Gráficas



Manaus
Amazonas





AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.



ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com







Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA